







briram, recebendo a sagrada partícula, e os coraçõesinhos, quaes outras tantas lapinhas, abrigavam então a Jesus, a Amigo das creanças... Commoedor - espectáculo, que a ordem admirável fazia realçar! O tempo estava litteralmente repleto de familias e para mais de 300 creanças.

Após a missa foi servido café com doces em mesas dispostas na sala das conferências, onde a alegria transbordava, em ondas crystallinas, dos corações dos presentes: eram estes os paes ditosos, que bem sabem comprehender o alcance de tão importante acto; eram as catechistas, cujo amor á santa causa fazem-nas dedicar todas as semanas uma tarde ao ensino do catecismo; era também o Révmo. Cura, alma dedicada daquelle festa de alegria.

Às 13 horas houve distribuição de premios de frequencia aos alumnos do catecismo; foram distribuidos 300 premios entre brinquedos, livros, objectos de devoção, etc.

Às 6 1/2 os nro commungantes consagraram-se ao Sagrado Coração e, após a benção do S.S., receberam as lembranças da 1ª. communhão.

Parabens ao Révmo. Cura e a seus esforçados auxiliares.

—«O»—

## Confissões de bom senso

Tendo, pois, Jesus Christo declarado que as portas do Inferno não prevaleceriam contra a sua Igreja, e não havendo outra Igreja que seja sua sinão a catholica, é claro que ella merece todo o nosso respeito, que é extreme de erro em seu ensino, e irreprehensivel em sua moral.

Por isso, dissemos, como primeiro argumento, que a Igreja não errou porque não pode errar.

Note-se, porém, que os proprios herejes, em momentos lucidos, estão commosco neste ponto. Foi o proprio Lutero que em 1518, em carta que devia ser enviada ao Papa, escrevia estas firmes palavras: «Por isso, santissimo padre, prosiro-me aos pés de vossa Santidade, a quem entrego a minha pessoa, tudo o que sou e tenho.

Vossa Santidade fará o que bem lhe aprouver: nas mãos de V. S. está o repellir ou defender a minha causa, dar-me ou negar-me razão, dar-me a vida ou tirar m'a. Na voz de Vossa Santidade reconheço a voz de Christo, que em vós fala e governa». Em 1519 diz ainda numa carta ao Papa: «Plenissimamente professo que o poder desta Igreja (romana) está acima de tudo: plenissime confiteor hujs Ecclesiae (Romanae) potestatem esse super omnia». Porque mudou o pseudo-reformador? Porque a voz do Papa, que era a voz de Christo, não pôde approvar o seu erro. Uma vez condemnado, aquelle que tinha a voz de Christo não é senão o emissario do demonio, a Igreja a corrupta de Babylonia.

«O Papa, diz um mestre eminente, guarda infallivel da verdade, não podendo transigrir com o erro, condemnou-o (a Lutero). O frade soberbo não teve a humildade de submeter o seu juizo á autoridade daquelle a quem Christo confiara a missão de confirmar os seus irmãos na fé. *Inletrae!* Mas os que lerem, de animo sereno, a Escripura, lá encontrarão, com referencia á Igreja catholica, — «que é a columna e a firmeza da verdade».

E si é a firmeza, como pôde, solenne e officialmente, debaudarse para o erro?

## Nos Dominios da Esphinge.

### 44) Logogripho.

Agora deste rio sobre as aguas—  
8, 2, 10, 9  
Eil-a, boiando, em meio da tórmenta—12, 3, 13, 5.  
Leva conforto e leuitivo ás maguas—13, 15, 4, 9.  
Unida ao Genio que seu brilho augmenta—12, 4, 1, 7.  
Após, ligeira, corta a immensidade—5, 16, 12.  
Quando o sol foge, á hora da saudade 11, 9, 14, 6, 2.

Navegador christão, descobre a frente;  
Dobra o joelho; a alma arrebatada  
Exclama:—Salve, ó Patria abençoada,  
Solo fecundo, esplendido Horizonte!  
Heloisia

45-49) Charadas novissimas.

A 2ª. pessoa tem uma viscera na cidade—1, 1.  
Na igreja é forte o santo—1, 3.  
Estime a opulenta região—2, 2.  
Fernando Linedos.  
A nota, a nota, a nota... eis o diapasão—1, 1, 1.  
Elle é o mais-alto aquina ilha—2, 1.  
Nãra

### 50-51) Casaes.

Nessa repartição vi um lionem—3.  
Aquelle empregado fez a prateleira—4.  
I. A

### Charada novissima\*

Nota ali e aqui um instrumento—1, 1, 1.

\*Reproduzida por ter sahido com um engano. Tendo sahido errada tambem a numeração dos problemas, no 13º. numero do «Iris», pedimos aos bondosos charadistas o favor de considerar o ultimo problema do n. 12. como 35a. e o primeiro do n. 13 com 35 b.

## SOCIEDADE DE SORTEIOS

### Economisadora Rural

Fiscalisada pelo Governo Federal

DEPARTAMENTO DE SANTA CATHARINA

Premios mensaes no valor de 10:000\$000

CONTRIBUIÇÃO MENSAL 5\$000

Restituição integral no fim do contracto

**Absoluta garantia de fiel cumprimento**

## A gulosa

### Comedia em 1 acto.

Adaptação de Edésia Aducci

D. Josephina, dona da casa.

Emma e Anna, suas filhas, de 10 e 12 annos.

Sophia, cozinheira.

Rosina, arrumadeira.

Joanna, copeira.

D. Eulalia.

### Scena I.

Joanna só

JOANNA — (escovando uma saia ou vestido) As outras senhoras e senhoritas querem por força seguir a moda, e até exagerar-a, mas a minha patrão... Não há quem a faça deixar as saias compridas, tão compridas, que, quando chega dos seus passeios, a pobre da Joanna ou da Rosina tem serviço para muito tempo!... E o pó que entra na garganta da gente?... (Tosse) Ah,

si houvesse por aqui algum terrão de assucar ou gulodice semelhante... Não só me regalaria, mas tambem havia de fazer muito bem á tosse. (Tosse) Quem sabe si não haverá alguma coisa aqui no bolso. (Procura) Excelente idéa a minha! Pois não é que achei um pacotinho?! (Tira-o e examina-o) Olé, balas de aniz! (Põe uma na bocca) Isto há de tirar-me o pó da garganta! (Chamam de dentro: Joanna, Joanna!) Paciencia! (Comendo e tossindo) Estou tossindo! Que há? (Esconde as balas no bolso)

### Scena II

D. Josephina e Joanna

D. JOSEPHINA — Que estavas fazendo, Joanna, que estou há uma hora á espera do vestido, e tu ainda estás a escovar-o? Por que não respondeste logo que te chamei?

JOANNA — A Sra. não imagina que nym de pó me entrou na garganta, enquanto escovava o vestido!

A. tosse foi tanta, senhora, que não pude responder logo!

D. JOSEPHINA — E ainda não estará prompta a saia?

JOANNA — Penso que sim; a Sra. quer vestir-a?

D. JOSEPHINA — Quero, pois não estou disposta a vestir outro vestido, e preciso sahir.

JOANNA — Eil-a; parece que está bem limpa.

D. JOSEPHINA — (revistando o bolso) Penso ter deixado aqui no bolso um embrulhinho de balas, que teucionava levar para minhas sobrinhas.

Não o viste, Joanna?

JOANNA — (atrapalhada) Eu? Então a Sra. pensa que eu escovei tambem o bolso?

D. JOSEPHINA — Não podias

então ter espiado si havia aqui dentro..

JOANNA — (interrompendo) Sim, si eu tivesse o costume de metter o nariz em toda a parte, ou si fosse muito gulosa..

D. JOSEPHINA — Parece que não és muito inimiga de gulodices, não, pois é preciso que a gente ande sempre a fazer-te recommendações.

JOANNA — A Sra. quer que eu procure as balas? (A' parte) Não precisaria ir muito longe.

D. JOSEPHINA — Não, deixa; talvez estejam noutra bolso. Mas toma cuidado, Joanna! Lembra-te sempre de que algum dia pode sahir-te cara a gulodice!

JOANNA — Não tenha cuidado, D. Josephina; quando eu vir algum petisco, hei de imaginar que é um remedio, e como os remedios são quasi sempre amargos...

D. JOSEPHINA — Bem, vamos